

portugalidade

Edição n.º 1 | novembro 2022

magazine

PARQUES E MONUMENTOS DE SINTRA

Sob a atalaia do
Melhor Marco Histórico de Portugal

AO ENCONTRO DO
NOSSO PATRIMÓNIO



NATAL SERRANO

Deixe-se guiar pela magia de outros tempos.

De 7 a 11 e de 16 a 18 de dezembro
entre o céu e a serra:

- ✦ Filhó Espichada ✦ Tibornada de Bacalhau ✦ Oficina do Brinquedo
- ✦ Mercado de Artesanato ✦ Tasquinhas ✦ Fogueira ✦ Planetário e Telescópio

O interior do futuro é a casa das ideias do presente.

Pampilhosa da Serra investe consigo!

Apoio Financeiro a Fundo Perdido

até **10.000€**

para instalação de novos negócios

Majorações

50%

para jovens
entre os 18 e
os 35 anos

250€

mensais para
a criação do
próprio emprego

até **250€**

de apoio à renda
dos estabelecimentos
comerciais

CENTRO COMERCIAL DA NATUREZA.
TUDO O QUE NA CIDADE NÃO SE COMPRA.
saiba mais em www.cm-pampilhosadaserra.pt

PAMPILHOSA
da SERRA

CENTRO DA NATUREZA



EDITORIAL

Começar é sempre difícil, a frase mais vezes apagada e reescrita é tantas vezes a primeira. E aqui estamos, na primeira edição de muitas, assim se espera de qualquer projeto acabado de arrancar.

Uma nova revista para divulgar aquilo que sempre foi nosso. O Património português com as suas características particulares que resultam de uma longa História e da identidade de um povo aberto ao mundo. É também assim que nos definimos neste novo projeto, abertos a todos e para todos. Esta foi a ideia central da apresentação que escrevi e que agora recupero para a abertura destas páginas.

Queremos mesmo divulgar o melhor de Portugal. Despretenciosamente esperamos consegui-lo, e fazemo-lo nesta edição inaugural com uma capa de rara beleza que nos remete para o “conto de fadas” que a paisagem de Sintra é. Chegam-nos ainda apontamentos históricos, culturais e patrimoniais de vários pontos do país. E fomos até ao limite da nossa fronteira (re) visitar fortalezas e autênticos santuários de proteção animal.

Foi um inegável prazer podermos interagir por alguns momentos com os afáveis Burros de Miranda, ou com as enormes vacas Mirandesas. Sem esquecer essas rainhas das montanhas que são as nossas cabras serranas. A preservação do património genético é de extrema importância, e quando nos cruzamos ao vivo com estes animais não conseguimos passar indiferentes a este tema.

Mas há outras raças também que, embora não sejam originalmente portuguesas, já andam por cá há tantos anos que as temos praticamente como nossas. É o que acontece com aquelas a que chamamos popularmente “Turinas” e que produzem praticamente todo o leite português.

Deixo uma última nota para um estudo pioneiro, publicado recentemente, que concluiu que os visitantes de Património em Portugal são, em mais de 70%, estrangeiros. Para que este recurso possa gerar mais riqueza é da maior importância mobilizar a população portuguesa para conhecer o que, afinal, é seu! Acreditamos que publicações como esta podem dar o seu contributo para aproximar os portugueses do que é intrinsecamente português.

Sem orgulhos desmedidos nem isolacionismos ignorantes, apenas com respeito e sincera curiosidade pela nossa História comum.

ÍNDICE

Ao Encontro do Nosso Património

- 4 Parques de Sintra
- 8 Rita Marques – Sec. Estado Turismo
- 9 Pampilhosa da Serra
- 12 Cadaval
- 14 Almeida

Raças Autóctones

- 22 ANCSUB
- 23 Miranda do Douro
- 26 Cão Serra da Estrela
- 27 ANCRAS

Raças Não Autóctones

- 30 Limousine Portugal
- 32 APCRF



PARQUES E MONUMENTOS DE SINTRA SOB A ATALAIA DO MELHOR MARCO HISTÓRICO DE PORTUGAL

Sintra foi o primeiro sítio na Europa inscrito pela UNESCO como Paisagem Cultural, em 1995. O Valor Universal desta paisagem foi, então, reconhecido como constituindo uma abordagem única ao paisagismo Romântico e um exemplo raro de local que preservou a sua integridade fundamental, conservando evidências das sucessivas culturas que ali se sucederam e complementaram ao longo dos séculos. Uma visita a Sintra é uma autêntica viagem no tempo em que se conjugam, de forma incomparável, natureza e cultura.

Para assegurar a gestão integrada deste património excepcional, em 2000 foi criada a Parques de Sintra, empresa de capitais públicos com a missão de conservar e valorizar mais de mil hectares em Sintra, que incluem alguns dos mais notáveis parques e monumentos desta Paisagem. O seu modelo de gestão é pioneiro, na medida em que a empresa não recorre a contributos do Orçamento do Estado, sendo a sua sustentabilidade fundamentada num círculo virtuoso centrado na capacidade de o património gerar receitas, que são depois reinvestidas na sua recuperação e manutenção.

Ao longo dos seus 22 anos de existência, a Parques de Sintra tem vindo a colher um amplo reconhecimento nacional e internacional pela gestão dos valores patrimoniais que lhe foram confiados, através de distinções de elevado prestígio, como os dez World Travel Awards de “Melhor Empresa do Mundo em Conservação”, com que tem vindo a ser premiada desde 2013. Destacam-se, ainda, três Prémios União Europeia para o Património Cultural/Europa Nostra, atribuídos em 2013, 2018 e 2022, respetivamente, ao restauro do Chalet e Jardim da Condessa d’Edla, à recuperação do Jardim Botânico do Palácio Nacional de Queluz e à requalificação do Convento dos Capuchos, e a mais recente distinção do Castelo dos Mouros como “Melhor Marco Histórico” de Portugal pelos Remarkable Venue Awards, também em 2022.

Estes parques e monumentos oferecem uma programação diversificada, com numerosas iniciativas culturais e experiências diferenciadoras que tiram partido da memória histórica do património e dos ambientes que os parques proporcionam no decorrer das estações, convidando à sua fruição ao longo de todo o ano. Pretende-se que quem os visita encontre sempre novos motivos de interesse e espaços vivos, em permanente atualização e reinvenção, onde existe sempre algo novo para fazer e para conhecer. Venha descobri-los.

CASTELO DOS MOUROS

Uma história entre muralhas.



Com vista privilegiada sobre a Costa Atlântica, as várzeas e a Serra de Sintra, o milenar Castelo dos Mouros, de fundação muçulmana, ocupou, desde o século X, uma po-

sição estratégica fundamental na defesa do território local e dos acessos marítimos à cidade de Lisboa.

Habitado pelos mouros até 1147, foi então entregue a D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, na sequência da conquista das cidades de Lisboa e Santarém. Com a fixação das populações cristãs no Castelo dos Mouros, o Bairro Islâmico deu lugar a uma vila medieval, cuja ocupação se estendeu até ao século XV, altura a partir da qual foi sendo progressivamente abandonada uma vez que, pacificados os conflitos entre mouros e cristãos, as populações já não necessitavam de se abrigar junto da fortificação. Integrava essa vila medieval a Igreja de São Pedro de Canaferrim, construída entre as duas cinturas de muralhas. Mais tarde, já no século XIX, D. Fernando II restaurou o castelo, reavivando o seu imaginário medieval, de acordo com o gosto romântico da época.

O Centro de Interpretação do Castelo dos Mouros, instalado na antiga Igreja de São Pedro de Canaferrim, bem como o Campo de Investigação Arqueológica que é possível visitar perto das muralhas, contam a história dos povos que ali se sucederam, desde o Neolítico até à Idade Média, através dos achados arqueológicos em exposição e de ferramentas interativas.

PARQUE E PALÁCIO NACIONAL DA PENA

A coroa do rei artista.



Adjacente ao Castelo dos Mouros encontra-se o Palácio Nacional da Pena, a joia sagrada que coroa a Serra de Sintra. O enorme parque envolvente, em sintonia com o caráter feérico do palácio, desperta emoções de mistério, aventura e descoberta em quem aceita o convite para explorar os seus recantos.

Obra eterna de D. Fernando II e expoente máximo do Romantismo em Portugal, a Pena abre portas à imaginação de todos os que a visitam, entre os tons coloridos do palácio e os infinitos matizes de verde que pintam o exótico parque circundante. Este cenário idílico, frequentemente sob o véu do característico nevoeiro da serra de Sintra, parece saído de um conto de fadas e faz sonhar todas as gerações que por ali passam e que com ele se deslumbram.

CHALET E JARDIM DA CONDESSA D'EDLA

A ópera de uma paixão.



No coração do Parque da Pena encontra-se o Chalet e Jardim da Condessa d'Edla, cantora de ópera americana que conquistou o coração de D. Fernando II, depois de este perder a sua primeira mulher, a rainha D. Maria II.

Elise Friederike Hensler, Condessa d'Edla, construiu, em conjunto com D. Fernando, um chalet ao estilo alpino na zona ocidental do Parque da Pena, que serviu como local de recreio e refúgio romântico do casal. Este é rodeado por um jardim repleto de encantos por descobrir.

CONVENTO DOS CAPUCHOS

Uma ode à simplicidade.



Situado em plena Serra de Sintra, o Convento dos Capuchos contrasta com os edifícios fastuosos e exuberantes que existem em Sintra. Este convento franciscano destaca-se pela sua simplicidade, completamente desprovido de luxo e de conforto.

As suas reduzidas dimensões e a notável pobreza de construção e o seu revestimento a cortiça fazem parte da mística deste monumento. Aqui, a construção humana funde-se com os elementos naturais, a vegetação envolvente e os enormes penedos de granito, considerados pelos habitantes deste convento como "construção divina". O bosque que rodeia o edifício foi mantido intacto pelos frades que ali habitaram, sendo hoje um dos mais notáveis exemplos da floresta primitiva de Sintra.

PARQUE E PALÁCIO DE MONSERRATE

O sonho exótico de um visionário.

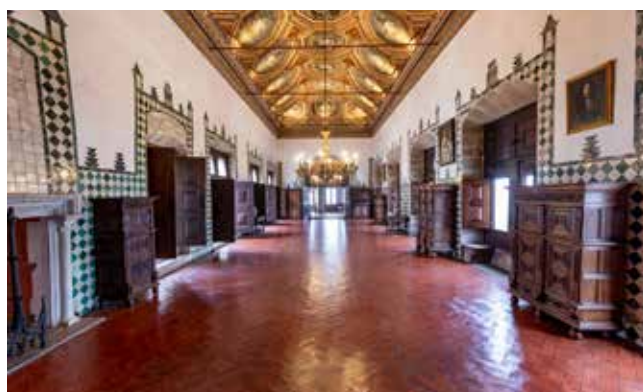


Retiro de escritores, Monserrate atraiu inúmeros viajantes estrangeiros, sobretudo ingleses, que exaltaram a sua beleza em relatos de viagens e gravuras. Quando Francis Cook, um rico industrial inglês do século XIX e grande colecionador de arte, visitou este local situado na encosta Norte da serra de Sintra, ficou fascinado. Dessa paixão nasceu uma obra-prima do Romantismo: o Parque e Palácio de Monserrate.

Francis Cook materializou o seu sonho, transformando Monserrate naquilo que hoje conhecemos, com os seus exuberantes jardins – que deslumbram o visitante com espécies exóticas vindas dos quatro cantos do mundo –, e um palácio que é uma verdadeira ode à arquitetura romântica.

PALÁCIO NACIONAL DE SINTRA

Viagem por mil anos de história no palácio mais antigo de Portugal.



No centro da vila de Sintra, marcando a paisagem com a silhueta inconfundível das duas chaminés cónicas que coroam a cozinha real, ergue-se o único palácio que atravessou toda a história de Portugal.

O Paço de Sintra atual é formado por muitos paços reais. É um conjunto de edifícios que foram construídos, acrescentados e adaptados ao longo de séculos, sendo a data da fundação do paço mais antigo um enigma por resolver ainda hoje. Muito provavelmente, o primeiro edifício foi construído por volta do século X ou XI, quando Sintra era território islâmico. No final da Idade Média, o Paço de Sintra era o centro de um território gerido pelas Rainhas de Portugal, mas foi também um dos espaços preferidos dos monarcas portugueses. Guardião de memórias e testemunha de acontecimentos determinantes para a história de Portugal, o Paço de Sintra proporciona uma autêntica viagem no tempo.

PALÁCIO NACIONAL E JARDINS DE QUELUZ

A sofisticada morada da Corte.



Localizado a meio caminho entre Lisboa e o centro histórico de Sintra, o Palácio Nacional de Queluz encanta pela sua imponência e pela exuberância dos seus detalhes arquitetónicos. Intimamente ligado às vivências de três gerações da Família Real portuguesa, e palco de intensas emoções, o palácio reflete a evolução dos gostos e estilos da época, passando pelo barroco, o rococó e o neoclassicismo.

Em seu redor, cenográficos jardins convidam a reviver a época em que a corte setecentista ali organizava sumptuosas festas e guardam as memórias dos passeios de gôndola no canal, do teatro, das caçadas, dos serões musicais e literários, dos bailes de máscaras, dos jogos e das récitas ao ar livre. Um cenário de sonho, animado por cascatas e por delicados jogos de água.

ESCOLA PORTUGUESA DE ARTE EQUESTRE

Onde a tradição ganha nova vida.



Intimamente ligada à tradição e aos costumes da corte portuguesa do século XVIII, a Escola Portuguesa de Arte Equestre proporciona um regresso ao passado ao ritmo do “bailado” elegante e preciso de cavalos Puro-Sangue Lusitano da Coudelaria de Alter.

Sediada nos Jardins do Palácio Nacional de Queluz, onde é possível visitar as suas instalações para descobrir a sua história e tradição, e com apresentações regulares ao público no Picadeiro Henrique Calado, na Calçada da Ajuda (Belém), a Escola Portuguesa de Arte Equestre é considerada Património Nacional e tem como objetivo promover o ensino, a prática e a divulgação da arte equestre tradicional portuguesa, um património cultural único no mundo.

Descubra as experiências que esperam por si.

www.parquesdesintra.pt



Parques de Sintra

TURISMO E PATRIMÓNIO

O turismo é um dos motores da economia a nível global e em Portugal é, sem dúvida, o setor que mais tem contribuído para um desenvolvimento sustentável do nosso país, levando prosperidade e bem-estar a territórios onde não abundam outras atividades económicas em que Portugal seja internacionalmente competitivo.

Depois de um período pandémico de retração da atividade turística, é com satisfação que vemos a luz ao fundo do túnel. O último boletim do BdP indica que as receitas do turismo em agosto de 2022 são já 19% superiores a agosto de 2019, mês record do turismo, fazendo acreditar cada vez mais de que já em 2022 ultrapassaremos a taxa de crescimento de cerca de 6% que se previa apenas para 2024. Por outro lado, os indicadores de hóspedes e dormidas do INE em agosto indicam que terminaremos 2022 com valores muito próximos de 2019, com algumas regiões do país a bater esse record.

Muitos perguntam o porquê destes números. Ora, o sucesso do turismo em Portugal depende de muitos fatores.

Por um lado, temos um modelo de governança descentralizado desde há uns anos, tendo-se entregado às Regiões a responsabilidade pelo desenvolvimento turístico regional, alinhado com as diretrizes nacionais para a área do turismo. Cabe a estas entidades colaborar com o Turismo de Portugal, com vista à prossecução dos objetivos da política nacional que foi definida para o turismo, designadamente no contexto do desenvolvimento de produtos turísticos de âmbito regional e sub-regional e da sua promoção no mercado interno alargado, compreendido pelo território nacional e transfronteiriço com Espanha. Por outro lado, o setor adotou uma Estratégia para o Turismo – a ET2027, reconhecida e abraçada por todos os stakeholders, a qual permite de forma consistente e sustentada, tirar partido dos ativos que temos em Portugal, entre eles, o nosso Património Natural e Cultural.

Espalhado por todo o território e disponível ao longo de todo o ano, é este património que nos permite ambicionar um turismo ao serviço do desenvolvimento dos territórios e das suas comunidades, da prosperidade dos trabalhadores do setor, da satisfação dos turistas e de uma saudável concorrência, frente a frente, com os maiores destinos turísticos do mundo.

A nossa riqueza patrimonial manifesta-se das mais variadas formas, quer na vertente natural, quer na vertente cultural. Desde as paisagens de planície e de montanha do nosso interior até às mais bonitas praias fluviais e do litoral, todo este património natural permite-nos estruturar produtos turísticos com enorme potencial no mercado internacional, como por exemplo a observação de aves, a práticas de desportos aquáticos, as caminhadas, o cicloturismo, o surf e muito mais.



Por outro lado, desde as festas, tradições, lendas, artes e ofícios, até aos monumentos, museus, palácios, castelos, igrejas, e passando pela literatura, música, arte e gastronomia, temos uma riqueza cultural que nos valoriza de sobremaneira e nos diferencia de outros destinos, tornando-nos únicos e capazes de atrair os turistas internacionais mais exigentes.

Todo este património riquíssimo, seja natural seja cultural, só tem interesse se atrair procura e reverter economicamente a favor das comunidades, objetivo que temos de atingir, mas não a qualquer preço. Temos de respeitar o legado recebido e preservá-lo para as gerações futuras. E o turismo é a atividade económica que melhor pode desempenhar essa tarefa.

É por isso que na ET 2027, as questões da sustentabilidade são tão relevantes. E é também por isso que, em 2020, lançamos o programa Turismo + Sustentável, reforçado em 2021 com o plano Reativar o Turismo| Construir o Futuro, onde as questões da sustentabilidade económica, social e ambiental são absolutamente centrais.

Temos no setor referenciais de excelência, com recursos e calendários de execução bem definidos. São planos que não ficaram, nem ficarão, na gaveta, contribuindo de forma bem visível para a preservação do nosso património natural e cultural, e para a sustentabilidade do nosso turismo.

Turismo, Natureza e Cultura caminham de mãos dadas no desenvolvimento do nosso país. Porque o turismo só faz sentido se for uma força do e para o bem.

Rita Marques
Secretária de Estado do Turismo, Comércio e Serviços



O DESTINO CERTO PARA VISITAR, VIVER E INVESTIR

Ao olharmos para o mapa de Portugal é fácil perceber a posição central que Pampilhosa da Serra ocupa. Conhecida pela beleza das suas aldeias e de toda a natureza envolvente há, no entanto, mais para descobrir nesta terra. E não falamos só das características únicas do seu céu estrelado. É que o interior do país, tantas vezes esquecido, tem massa crítica e não desiste de apostar no que é seu (e de nós todos) – foi isso que encontramos em Pampilhosa da Serra.

À LUZ DAS ESTRELAS



As Aldeias do Xisto, em Pampilhosa da Serra, possuem uma das paisagens culturais mais distintas do país, usufruindo ainda de um dos céus mais estrelados do mundo. Depois de receberem a certificação internacional de “Destino Turístico Starlight”, em 2019, vários municípios, parceiros do destino Dark Sky Aldeias do Xisto, assinaram o protocolo de cooperação geral do projeto.

Foram 20 os municípios que, com o intuito de potenciar e preservar o céu da região, assinaram, em Fajão, um protocolo de cooperação geral do projeto Dark Sky Aldeias do Xisto. Em 2019, a Fundação Starlight atribuiu ao Dark Sky Aldeias do Xisto a certificação internacional “Destino Turístico Starlight”.

Com este protocolo de cooperação, as entidades envolvidas comprometem-se, entre outras responsabilidades, a estabelecer mecanismos de afirmação do Dark Sky Aldeias do Xisto como Destino Turístico Starlight, a apoiar a sensibilização e a formação dos agentes públicos e privados do território, a contribuir para a preservação do céu noturno e para a melhoria da iluminação pública, tendo em vista o controlo da poluição luminosa.

Para além destes municípios – os únicos que beneficiam com a presença das estrelas no seu território - outras associações juntaram-se neste acordo, tais como a ADXTUR, a Associação Dark Sky, a CIM da Região de Coimbra e o Turismo Centro de Portugal.



Este é um projeto iniciado há 12 anos, em Pampilhosa da Serra, quando, pela primeira vez, foram estabelecidos contactos com a Universidade de Aveiro e, a partir daqui, foi instalada no concelho “uma antena, que faz a medição de uma série de dados espaciais do hemisfério norte”, afirma o Presidente da Câmara Municipal de Pampilhosa da Serra, Jorge Custódio. Tal aconteceu aqui, “precisamente, porque a Pampilhosa e esta região têm condições de observação acima da média. Não só porque a poluição luminosa, aqui, é diminuta, em comparação com as grandes cidades”, como também, “o próprio céu tem todas as condições de nitidez e de céu limpo”, complementa.

Em Portugal, o astroturismo tem vindo a captar a atenção de turistas nacionais e internacionais, o que, segundo Pedro Machado, Presidente do Turismo Centro de Portugal, tem permitido a territórios de baixa densidade e do interior colocarem-se lado a lado e até a obter melhores resultados do que destinos turísticos mais “maduros e clássicos”.

Já a Presidente da Associação Dark Sky, Apolónia Rodrigues, relembra que o mais importante é “valorizar, fazer crescer o território e ter sempre presente que tem de haver cooperação, liderança e sobretudo qualidade no produto que é desenvolvido”.

“Ao vir à Pampilhosa, ou a estes 20 concelhos ao redor, conseguem ter todas as potencialidades para a observação do céu. Nós, durante este tempo, mantemos o melhor produto possível a todos os que nos visitam”, enfatiza Jorge Custódio.

“ALDEIAS BAUHAUS PARA O FUTURO” DE PAMPILHOSA DA SERRA



O projeto “Aldeias Bauhaus para o Futuro” tem como objetivo executar intervenções de inovação ao nível do território, em seis aldeias de seis municípios de Portugal e Espanha. A atuação acontecerá nas regiões Centro, Alentejo e Extremadura espanhola, nomeadamente em Corval, Sortelha, Esperança, Dornelas do Zêzere, Llerena e Moraleja.

A ideia central desta candidatura, distinguida pelo Novo Bauhaus Europeu, e que foi coordenada por Pampilhosa da Serra, assenta no aproveitamento das várias potencialidades das aldeias envolvidas no projeto, bem como das restantes, de uma maneira geral, tornando-as autênticos lo-

cais de eleição, seja para visitar, para viver, ou mesmo para investir, mantendo sempre a essência que as caracteriza.

Para o Presidente da Câmara Municipal, este projeto é “altamente diferenciador”. Em primeiro lugar, possibilita que todos os intervenientes se sentem à mesma mesa para pensarem e projetarem o que devem ser estas aldeias rurais no futuro. Em segundo, utilizando estas seis aldeias como “projeto piloto”, permite perceber o que pode ser feito de diferente. “De alguma maneira, já podemos, nestas seis aldeias, fazer alguns projetos, em termos de urbanização, do edificado e do desenvolvimento local. Ou seja, compreendermos o que é que, verdadeiramente, pretendemos destas aldeias”. Por fim, “tão ou mais importante”, proporciona a “verdadeira” ligação transfronteiriça entre Portugal e Espanha. “Temos de deixar de olhar só para o litoral e temos de começar a olhar para este interior e para o país que está ao nosso lado, com uma potencialidade enorme”, salienta Jorge Custódio.

Desta forma, a iniciativa “Aldeias Bauhaus para o Futuro” visa mostrar que é possível conseguir melhores condições para quem habita e, assim, despertar a atenção de quem visita. No caso de Dornelas do Zêzere, o Vereador da Câmara Municipal de Pampilhosa da Serra, Rui Simão, divulgou que a intervenção “vai focar-se na zona ribeirinha, espaço do mercado e Jardim das Nogueiras, procurando aplicar os princípios da regeneração urbana sustentável e ligada às memórias que a aldeia tem com o rio”. De acordo com o Vereador, vai ainda “envolver a comunidade educativa, a gestão das expectativas da população, os seniores, não se esgotando na intervenção urbanística pura e dura”.



No encontro de lançamento do projeto, que aconteceu na freguesia de Dornelas do Zêzere, em Pampilhosa da Serra, estiveram reunidos parceiros e municípios – CCDR Centro, CCDR Alentejo e Junta da Extremadura – com o intuito de avaliarem e autenticarem a proposta de Programa de Assistência Técnica, proposta pela União Europeia. Para o Vice-Presidente da CCDR Centro, Eduardo Anselmo, é crucial que algumas regiões do interior de ambos os países, “consigam reverter o processo de declínio que dura há mais de 100 anos”, considerando que este projeto deve ser tido como um “objetivo experimental” que, caso apresente bons resultados, “poderá ser um exemplo para outras aldeias também se revitalizarem”.

Relativamente ao projeto, segue-se agora a implementação do programa de assistência técnica, com a visita dos peritos da União Europeia a cada uma das aldeias integrantes.

O APOIO ÀS FAMÍLIAS, AO EMPREENDEDORISMO E À RECUPERAÇÃO DO EDIFICADO



O município de Pampilhosa da Serra tem vindo a implementar programas de apoio à natalidade, ao transporte escolar, ao empreendedorismo e à recuperação do edificado. Estas iniciativas surgem porque o executivo acredita na possibilidade de combater o estigma atribuído ao interior de Portugal, de que estes territórios não têm capacidade concorrencial.

Com uma superfície de quase 400 quilómetros quadrados, ocupada por pouco mais de quatro mil pessoas, o concelho tem vindo a perder população ao longo dos últimos 60 anos. Foi em virtude do fenómeno migratório, motivado pela procura de melhores condições de vida no litoral, que todo o interior do país começou a sentir esta desertificação. Uma realidade que Pampilhosa da Serra acredita ser possível combater “com os apoios certos”.

Para fazer face a todos os problemas, de uma forma “criativa e diferenciadora”, Pampilhosa da Serra tenciona apoiar os seus habitantes, incitar o investimento no concelho e captar novos jovens empreendedores, que se podem sentir estimulados, pelo conjunto de programas oferecidos pelo município, a criarem o próprio negócio.

Primeiro, a todos os casais que entendam ter filhos, a Câmara será “um apoiante nas primeiras horas e nos primeiros anos do crescimento desses filhos”, assegura o autarca. Quanto ao regulamento de apoio ao transporte escolar, “vamos buscar os alunos, a todas as aldeias, à porta de todas as casas, e fazemo-lo gratuitamente até ao 12º ano”.

Como consequência do decréscimo da população, adensou-se o problema do edificado que, por sua vez, ganhou contornos ainda mais desastrosos com os incêndios que assolaram a Região Centro, em 2017. “Houve muitas casas que acabaram por arder na totalidade e que os proprietários, neste momento, não têm capacidade de recuperar. Portanto, são ruínas completamente ao abandono”, elucida. Neste regulamento, a autarquia vai dar um apoio até 50% do gasto, para limpeza e remoção dos escombros, justamente, para “deixarmos as nossas aldeias mais limpas e bonitas”.

Por fim, “que eu acho que é a cereja no topo do bolo”, o apoio ao empreendedorismo, “onde dizemos, claramente, que apoiamos todas as pessoas ou empresas que se queiram fixar na Pampilhosa, até ao montante máximo de 60% do investimento” e que, além disso, ainda poderão prestar outros apoios, mediante as condições de cada pessoa ou empresa, realça o presidente da Câmara Municipal.

CONHECER A HISTÓRIA E A NATUREZA DO CADAVAL

O município do Cadaval faz-nos um roteiro pelos principais pontos de interesse cultural e patrimonial do concelho. Espaço ainda para recuperar tradições antigas e mergulhar na natureza da Serra de Montejunto. Um verdadeiro convite, recheado de opções, para visitar esta zona do Oeste.

REAL FÁBRICA DO GELO



Grande marco da arqueologia industrial, é a única do seu género em Portugal e Europa, sendo um símbolo da tecnologia medieval. A sua construção teve início em 1741, com vista a satisfazer a grande procura de gelo que existia por toda a capital. Representou um grande avanço na qualidade e higiene do processo utilizado para a “produção” de gelo, dado que este passou a ser fabricado nos tanques da fábrica e não colhido após o vento o ter amontoado, como sucedia até então.

Quase tudo o que se sabe sobre a atividade da Real Fábrica do Gelo deve-se à tradição oral. Conta-se que quando chegava o mês de setembro enchiam-se os tanques rasos de água e durante a noite esperava-se que o frio a congelasse. Quando o gelo se formava, o guarda da fábrica acordava os trabalhadores. Antes do nascer do sol, as placas de gelo eram partidas, os fragmentos amontoados e depois carregados para os silos de armazenamento, onde o gelo era conservado até à chegada do verão.

Na época do calor, decorria a complicada tarefa do transporte até à capital do reino. Primeiro o gelo era transportado no dorso de animais, seguia depois em carroças que o faziam chegar, o mais rápido possível, aos “barcos da neve” ancorados na Vala do Carregado. Estes barcos completavam o circuito do gelo, transportando-o até Lisboa. Estima-se que a atividade da Real Fábrica do Gelo tenha cessado em finais do Séc. XIX, tendo caído no esquecimento por quase um século.

Quinta da Serra, Montejunto

2550-367 Lamas CDV

Serviço de Turismo da Câmara Municipal de Cadaval

Telef. 262 777 888 · Telem.: (+351) 916 782 628

E-mail: turismo@cm-cadaval.pt

Horário de funcionamento:

De segunda a domingo, com visitas guiadas às 10h00; 11h00; 14h00 e 15h30.

No caso dos dias feriados, por favor contactar 262 777 888

Bilhetes:

Adulto: 2 euros / Crianças até 12 anos: entrada grátis

A partir dos 65 anos: 1 euro

NÚCLEO MUSEOLÓGICO DO MOINHO DAS CASTANHOLAS



O Núcleo Museológico do Moinho das Castanholas foi inaugurado no dia 13 de janeiro de 2006. Este moinho de armação metálica situa-se na vila do Cadaval, junto da Adegua Cooperativa. Foi construído em 1948 e tem quatro casais de mós que podiam moer trigo e milho garantindo a sua altaneira torre uma elevada produtividade. Terminou a sua atividade em 1995.

A Câmara Municipal do Cadaval adquiriu este moinho para o conservar como um testemunho da atividade industrial moageira que existiu na vila do Cadaval e como um elemento importante do património cultural do concelho.

O moinho alberga uma exposição onde são abordados os moinhos do concelho do Cadaval e os seus diversos tipos, o trabalho dos moleiros e o Ciclo do Ce-

real nas suas diferentes fases como a lavra, a sementeira, a ceifa, a debulha, a limpeza do grão, o seu armazenamento e, por fim, a moagem.

Tel.: (+351) 262 690 166

E-mail: museu@cm-cadaval.pt

GPS 39°14'32.25»N | 09°05'55.74»W

INFO EXTRA

Para a visita do público deverá ser contactado o Museu Municipal do Cadaval pelo telefone 262 690 166 e/ ou museu@cm-cadaval.pt.

SERRA DE MONTEJUNTO



A Serra de Montejunto localiza-se em pleno coração da Região Oeste, a cerca de 50 quilómetros para Nordeste de Lisboa e sensivelmente a meio caminho entre o Oceano Atlântico e o rio Tejo. Este maciço calcário, meio desgastado pela ação erosiva dos ventos salinos que vêm do oceano, constitui o limite Sul do “Maciço Calcário Estremenho”.

É o Miradouro natural mais alto da região Oeste com os seus 666 metros de altitude. Daqui se podem avistar, em dias claros, horizontes tão vastos que para Norte atingem as ilhas Berlengas, o Cabo Carvoeiro e o Sítio da Nazaré, para Sul avistam-se as cristas recortadas da Serra de Sintra e as planuras de Montemor, para Este os terrenos da lezíria até bem perto de Santarém.

A sua linha de cumeadas estabelece uma fronteira natural entre zonas climáticas diferenciadas. A Noroeste as massas de ar húmido e frio, provenientes do oceano Atlântico, propiciam a formação de densas neblinas à volta dos principais cabeços; a Sudeste com uma maior exposição solar e abrigado dos ventos o clima é mais seco e quente.

ILHA DE BIODIVERSIDADE: FLORA E FAUNA

A serra de Montejunto demarca-se da paisagem envolvente, não só pela altitude que atinge, mas também pelas suas características naturais. Surge como um dos últimos refúgios para muitos animais e plantas. Aqui podemos encontrar uma diversidade considerável de plantas e animais, assumindo as aves uma particular importância. Podemos ainda encontrar uma considerável diversidade florística, quando com-

para com a região envolvente. Não deixe de visitar o Centro de Interpretação Ambiental da Paisagem Protegida da Serra de Montejunto para mais informações.

CANTAR DOS REIS



O Pintar e Cantar os Reis é uma tradição associada à celebração da Epifania, do Presépio e dos Reis Magos, celebração essa que surgiu na Península Ibérica com a chegada dos monges Franciscanos a Alenquer, no século XIII. No concelho de Cadaval esta tradição perdura nas aldeias serranas de Pereiro e Avenal.

A celebração pretendia ser um voto de felicidade para o novo ano, que tinha início a 6 de janeiro no calendário romano. O Pintar e Cantar os Reis tem sofrido várias mutações ao longo dos tempos, geralmente associadas a acontecimentos marcantes. Por exemplo, com o 25 de Abril deu-se a integração das mulheres no grupo dos cantores das sociedades e a mutação mais significativa, a celebração deixa de ser privada e isolada para se transformar numa festa participada por todos os que dela queiram fazer parte.

Na noite de 5 de janeiro um grupo de populares percorre as diversas ruas e casas de cada uma das aldeias, cantando versos alusivos ao novo ano que inicia e aos proprietários das casas por onde passam. Com maior ou menor improviso, a jocosidade está sempre presente nos versos cantados aos proprietários das casas.

Um outro grupo – munido de lanternas ou candeias, de pincéis e latas de tintas ou mesmo usando sprays – vai pintando, nas casas, os símbolos tradicionais que não só assinalam a passagem da secular tradição por aquele local, como ainda representam votos de bom ano e de prosperidade aos respetivos habitantes.

Como manda a tradição, durante o percurso, alguns moradores abrem a porta de suas casas, ofertando os rezeiros com comida e/ou bebida, com vista a renovar forças para continuar o percurso. A comemoração termina com um almoço convívio, no dia seguinte ou no fim de semana seguinte, consoante a aldeia, organizado pelas associações locais.



A PRAÇA-FORTE DE ALMEIDA, UMA ESTRELA SINGULAR NA FRONTEIRA



A estrela fortificada que dá forma a Almeida não deixa ninguém indiferente. Para além da sua beleza e imponência, é um dos melhores exemplos de fortaleza regular abaluartada no nosso país. Fique a conhecer todos os seus detalhes neste texto que serve de autêntico convite a uma visita merecida a este território na fronteira beirã.

Almeida é uma praça-forte a perpetuar e a reação que continua, ainda hoje, a provocar no visitante é de admiração. Facto que lhe advém, principalmente, da grandiosidade das suas muralhas de pedra, “basta, termos presentes o somatório do perímetro muralhado, com cerca de quatro quilómetros e meio, multiplicado por uma altura média na ordem dos sete metros para os reparos, o que nos dá uma área de alvenaria de granito que atinge os 30000 metros quadrados de construção”. A fortaleza abaluartada representa, por isso, “no panorama das fortificações abaluartadas portuguesas, derivado da sua peculiar geometria, o mais elevado esforço construtivo de uma praça-forte portuguesa. (Campos: 2009, 180, 181).

A configuração integral que ela nos apresenta é a de um traçado quase regular, hexagonal, materializado em seis baluartes e seis meias-luas, que se desenvolvem rodeadas por uma admirável cintura de fossos com caminho coberto, impressionante pela sua grande dimensão, aferida pelos seus 64 hectares de superfície global, incluindo os Glacis – 4,5Km de caminho coberto e 2,5 km de caminho de ronda.



Preconiza-se como uma incrível máquina de guerra, contabilizando-se nas suas muralhas um total de mais de 100 canhoeriras nos parapeitos e nas plataformas para morteiros e paióis subterrâneos.

Dada a sua função defensiva de vital importância, principalmente desde D. Manuel ao século XIX, foi merecedora de um naipe de especialistas de charneira na prática e tratadística militar, embora o seu traçado resulte de influências várias, fruto da meia centena de engenheiros que contabilizamos terem trabalhado na Praça. Tal facto é de uma inegável contemporaneidade dentro da fortificação dita clássica.

É um dos primeiros grandes sucessos no campo da fortificação abaluartada regular do século XVII e, por isso mesmo, desde a saída do último esquadrão de cavalaria da praça-Forte em 1927, que a sua função se transformou numa outra: a de MONUMENTO NACIONAL.

Há muitas e variadas maneiras de conhecer a arte de fortificar e os encantos que a Praça-Forte de Almeida encerra. Passear nos seus baluartes, para além de um privilégio, pela serenidade inspiradora do seu entorno, é conhecer o percurso cronológico da sua construção, é ler em campo aberto a tratadística militar portuguesa e europeia dos séculos XVII/XVIII.

Para complementar a visita, o turista pode, ainda, recorrer à inovadora aplicação “Conhecer Almeida” que permi-

te ao turista/utilizador fazer vários percursos, cuja informação sob a forma de vídeo, imagens ou áudio, devidamente contextualizada, é determinada pela sua localização, interesse e perfil, permitindo-lhe uma visita autónoma e experienciada. Também possui a funcionalidade de georreferenciação, realidade aumentada e virtual, som e vídeo 3D, gamificação e visitas inclusivas.

O MUSEU HISTÓRICO MILITAR DE ALMEIDA E O CEAMA ENQUANTO ARAUTOS DA FORTIFICAÇÃO ABALUARTADA:

Outra forma de descobrir os encantos e a História da Vila de Almeida é fazer uma visita ao Museu que se localiza no Baluarte de S. João de Deus. O edifício é um dos mais emblemáticos da Praça-forte. Esta impressionante construção apresenta um elevado valor projetual, com um vasto programa construtivo de cerca de 2 500 m². No seu interior tem 20 compartimentos abobadados, ladeando um corredor de acesso e um pátio central, configuração que corresponde – no essencial – ao piso térreo do projeto de Manuel de Azevedo Fortes (1736).

O Museu Histórico Militar de Almeida (MHMA), aberto ao público desde 30 de agosto de 2009, é tutelado pelo Município e é resultante de um trabalho conjunto entre a Câmara Municipal e o Exército Português, através da Direção da História e Cultura Militar e do Museu Militar de Lisboa. Insere-se na tipologia de “Museus Históricos”: é um museu monográfico de temática militar, dividido por núcleos de índole cronológica, abarcando uma linha temporal que se designa de “Origens” até à “I Guerra Mundial”, sendo que, em cada sala/cronologia, é particularizado o caso de Almeida e das Armas, dos homens e dos factos que fizeram a Fronteira. Passaram pelo Museu 170 778 visitantes.

Embora, tendo como principal missão estudar, conservar e divulgar as suas coleções, dedica-se de forma muito particular ao estudo e divulgação do património militar e cultural do território, especificamente ao caso da Fortaleza de Almeida, cingindo-se, de forma muito particular, aos seus atributos, em articulação com a coleção que o Museu exhibe.

Assim, cumpre-lhe contextualizar, de forma clara, rigorosa e cativante, a Fortificação, encarando-a como um dos objetos principais da sua razão de ser, procurando fomentar o interesse e a curiosidade sobre táticas de guerra, motivando à compreensão do significado da história militar relacionada com as diferentes arquiteturas militares e a armaria.

Uma visita ao Museu é um sem fim de experiências e sensações emanadas por um edifício que cumpriu, ao longo da sua “vida”, várias funções, desde aquartelamento militar, prisão e porto de abrigo da população, durante os vários assédios que a Praça sofreu. Em tempos de paz serviu de armazenamento para os materiais necessários à máquina de Guerra. Hoje, em tempos de incerteza, cumpre um dos mais importantes papéis da sua existência, instruir para acautelar que os mesmos erros do passado não se repitam, ou seja, educar para a paz.

O CENTRO DE ESTUDOS DE ARQUITETURA MILITAR DE ALMEIDA

O CEAMA abriu portas em abril de 2007, na Casa da Guarda das Portas Exteriores de Santo António. Desde então, os dois espaços, dispostos de um e outro lado do trânsito, têm vindo a assumir funcionalidades diferentes, mas convergentes na sua missão, ao contribuírem de forma rigorosa e instrutiva para o estudo e salvaguarda do património histórico e militar.



A investigação e posterior divulgação fazem, por isso, parte da missão do CEAMA, enquanto Centro de Estudos de Arquitetura Militar de Almeida reflexão e debate do MHMA. Ambos (Museu e Centro de Estudos), dentro das suas competências, responsabilizam-se, em larga medida, pela preservação do património da Fortaleza de Almeida, estudando e divulgando os resultados desta investigação. Assim, contribuem, eficazmente, para o conhecimento da arquitetura militar, com relevo para o abaluartado e para o papel desempenhado na questão das fronteiras nacionais, e para a sua salvaguarda.

O CEAMA, em 2021, entrou no 15º ano de existência, culminando com a edição de três números do total de 25, da revista CEAMA.

Tal facto significa para o promotor, Município de Almeida, para o CEAMA e para o MUSEU HISTÓRICO MILITAR DE ALMEIDA, fazendo parte da mesma estrutura orgânica, grande motivo de orgulho e regozijo. Deste modo, mostram um esforço e resiliência, sem paralelo, no quadro nacional, face aos resultados gerados, dado o contributo de grande relevo para o conhecimento da temática do próprio Museu e da Fortificação em Portugal e no Mundo.

A PRAÇA-FORTE DE ALMEIDA E A ROTA DAS FORTIFICAÇÕES ABALUARTADAS DA RAIÁ, UM PROJETO DE FUTURO.

Almeida integra a rota das Fortalezas Abaluartadas e com a Fortaleza de Elvas e Marvão almeja um merecido reconhecimento, primeiro do Estado Português e depois um reconhecimento Internacional da UNESCO. Isto porque, para além de conjuntamente representarem a conformação da Fronteira mais antiga do Mundo, representam a história militar de um povo que soube responder e renovar-se perante constantes desafios que lhes foram sendo impostos pelas condicionantes políticas, militares e

de engenharia ao mais alto nível. A candidatura das Fortalezas Abaluartadas da Raia, ao atingir o seu objetivo, que é o da Classificação de um Bem Universal, significará um reconhecido esforço de mais de uma década de caminho, estudo apurado e técnico, no sentido da valorização patrimonial e do interior do país há muito esquecido e que, outrora, desempenhou um papel preponderante na defesa da integridade Nacional.

A par desta candidatura, o projeto: Rota das Fortalezas Abaluartadas da Raia, inserido numa candidatura apresentada à Linha de Apoio à Valorização do Interior do Programa Valorizar do Turismo de Portugal, consiste na criação de um efetivo produto turístico assente neste recurso patrimonial único, permitindo a visitação de cada uma destas Fortalezas, de forma consistente e marcante mas, também, potenciando a visitação integrada deste conjunto de quatro Fortalezas e de todos os recursos complementares existentes em torno delas e entre ela.

Envolve, entre outros, a criação de quatro Centros de Interpretação em cada um dos municípios envolvidos, a criação de uma Rota Temática, que agrupa os diferentes polos do Projeto, a criação de ferramentas de experimentação turística, a criação de branding associado, contemplando o desdobramento da marca em vários suportes comunicacionais (site, folheto, vídeo, merchandising).

Concluída agora esta primeira fase do projeto, são duas as dimensões de desenvolvimento futuro que nos aguardam: por um lado, o reforço do investimento na densificação do produto turístico, nas ferramentas de interpretação patrimonial, na educação patrimonial com as escolas do território, assim como na capacitação dos agentes interessados em explorar este tema tão rico. Por outro, o início de uma estruturação institucional deste consórcio, com abertura a outros municípios interessados, dando passos seguros na criação de um organismo dedicado, em exclusivo, às potencialidades turísticas, culturais, económicas e sociais inerentes ao património abaluartado da Raia.



Importa, ainda, ter presente o potencial ibérico, e mesmo internacional, desta temática, sendo uma evidência o interesse da relação espelho com o outro lado da fronteira, mas, também, os derivativos arquitetónicos ainda permanentes em países por onde Portugal, efetivamente, passou ou, mesmo, se estabeleceu.

A Rota das Fortalezas Abaluartadas da Raia, da qual Almeida é município fundador, é, assim, fonte significativa de intercâmbio cultural, enriquecimento de conhecimentos e alargamento de perspetivas.

ARMAMAR: UM TERRITÓRIO, VÁRIOS PATRIMÓNIOS

Em pleno Alto Douro Vinhateiro, Armamar convida-nos a visitar e conhecer o vasto património deste território. Há mais para descobrir, em vestígios carregados de História, para além da beleza ímpar desta região.



Armamar é terra antiga, situada no coração do Alto Douro Vinhateiro, Património da Humanidade. Aqui, coexistem distintos elementos patrimoniais, que atestam a importância deste concelho e testemunham a forma como o Homem, ao longo dos tempos, interagiu com a envolvente.

Entre os vestígios de interesse arqueológico e histórico identificados, encontramos o Menir do Vale de Naçarães do V milénio A.C., o Castro de Goujoim (SIP) da Idade do Ferro e algumas sepulturas antropomórficas proto-cristãs. Também a presença romana ficou bem impressa no território através dos marcos miliários, de restos de vias e de troços de muralhas. Os mais expressivos exemplares da sua influência são os dois raros Términos Augustais identificados na união de freguesias de Arícera e Goujoim.

Terra de gente devota, Armamar é pródiga na riqueza das suas igrejas, capelas e ermidas. Exemplos destacáveis são: a Igreja Matriz de S. Miguel de Armamar (MN) de traça românica, erguida por ordem de Egas Moniz; a capela românico-gótica de S. Domingos, assente num afloramento granítico favorável à fertilidade, à qual monarcas acorreram para obterem descendência; a Capela de Nossa Senhora dos Milagres em Contim de estilo barroco joanino; a capela de Nossa Senhora das Neves no Marmelal (MIP), que apesar de pequena esconde rico e valioso património integrado;

a ermida de Nossa Senhora da Piedade, do século XVII, local de grandes romarias; a Igreja seiscentista de S. Cosme e S. Damião em S. Cosmado, onde jaz o ilustre matemático Francisco Gomes Teixeira; a matriz de S. Martinho das Chãs, do século XIII, construída sobre os alicerces de templo visigótico; e a alpendrada matriz de Coura de estilo barroco, com destaque para o sacrário em forma de globo.

Para além da arquitetura religiosa, encontram-se em Armamar muitas casas brasonadas e quintas. Entre elas destacam-se a Casa Grande em Gogim, que apresenta pormenores arquitetónicos de influência nasoniana; a residência do célebre poeta presencista Fausto José; o Solar dos Cardoso, erigido em finais do século XIII no centro da vila de Armamar; e a Quinta dos Frades na Folgosa, de fundação cisterciense, que está entre as mais antigas da região do Douro.

Outros bens patrimoniais como o pelourinho de Goujoim, a ponte Românica de Santo Adrião e os marcos de demarcação da zona vinhateira do Alto Douro encontram-se classificados. Estelas funerárias, cruciformes, cruzeiros, fontes, alminhas, nichos, lajes sepulcrais, datas gravadas em edifícios, marcos delimitadores do Mosteiro de Salzedas e da Universidade de Coimbra estão entre os muitos achados que também integram a Carta de Património de Armamar.

RESTAURO DA FORTALEZA DE JUROMENHA CONCLUÍDO ATÉ FINAL DO PRÓXIMO ANO

A Fortaleza de Juromenha, no concelho de Alandroal, integrada no Programa Revive, terá a sua obra de restauro e consolidação das muralhas concluída até ao final de 2023. A garantia é dada pela autarquia que nos apresenta este projeto-âncora para o desenvolvimento sustentado do concelho de Alandroal.

A Fortaleza de Juromenha localiza-se na Vila de Juromenha, na atual freguesia de “União das Freguesias de Alandroal (Nossa Senhora da Conceição), São Brás dos Matos (Mina do Bugalho) e Juromenha (Nossa Senhora do Loreto), no extremo nordeste do concelho de Alandroal, distrito de Évora, na margem do rio Guadiana, a sueste do Território de Olivença. Possui uma localização privilegiada do ponto de vista militar na defesa da raia alentejana estando a cerca de 15 minutos da sede do concelho.

A Fortaleza de Juromenha faz parte integrante da linha de defesa raiana associada ao rio Guadiana. Reconstruída no contexto da Guerra da Restauração, encontra-se classificada como MIP - Monumento de Interesse Público, pelo Decreto n.º 41 191, DG, I Série, n.º 162, de 18-07-1957. O conjunto classificado caracteriza-se pelo forte abaluartado, que envolve a fortificação medieval, na qual se destacam a igreja da Matriz, a igreja da Misericórdia, o quartel dos veteranos, a cadeia e os armazéns de pólvora e de aparelhos de guerra.

Atualmente, e até ao final de 2023, encontra-se a decorrer a empreitada de consolidação e restauro dos paramentos do perímetro abaluartado exterior e da cerca islâmica e medieval interior da Fortaleza de Juromenha. Com um investimento total que superará os 5 milhões de euros e que conta com financiamento comunitário do Alentejo 2020 e da linha BEI (Banco Europeu do Investimento) no valor de 4.018.892,14 euros e de 658.643,09 euros, respetivamente, cabendo ao município a restante componente não financiada da intervenção.

A componente pública da recuperação da Fortificação de Juromenha prevê uma intervenção prioritária, em avançado estado de execução, nos troços das muralhas onde já tinham ocorrido colapsos ou naqueles que apresentavam risco iminente de queda, correspondendo a 81% do investimento total proposto para a empreitada e a 18 meses de obra efetiva. Contempla, ainda, um conjunto de intervenções complementares e de “valorização arquitetónica” como sejam a instalação de iluminação monumental, que permita o acesso e fruição em período noturno do conjun-

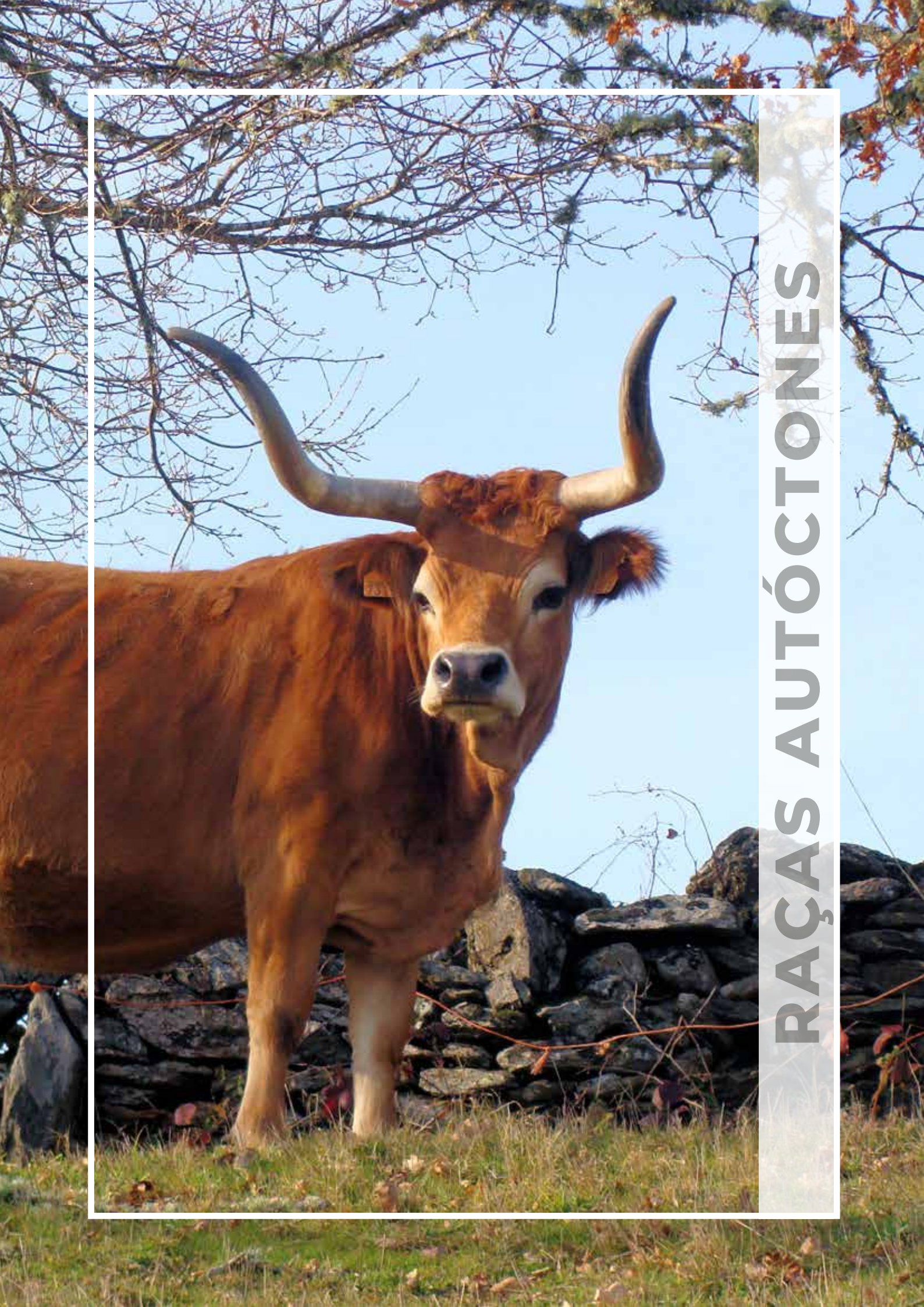
to da fortificação, a criação de circuitos de visita externo e interno ao conjunto monumental, com a melhoria geral das acessibilidades, o restauro de alguns elementos simbólicos, a criação e instalação de sinalética e a recuperação das antigas casas da guarda, junto à entrada principal, para colocação de pequenas exposições permanentes e/ou temporárias sobre a história de Juromenha e da sua Fortaleza.

A Fortaleza de Juromenha está integrada no Programa REVIVE, desde 2019, pelo que o Turismo de Portugal muito brevemente iniciará o concurso público de concessão do seu espaço interior para instalação de investimentos privados na área da hotelaria. Será mantido o acesso livre a toda área de circulação e fruição da Fortaleza de Juromenha garantindo, assim, o caráter público do imóvel.

O município espera, e tudo fará para que todo este processo de recuperação e valorização da fortaleza decorra de forma exemplar uma vez que este é um projeto-âncora para o desenvolvimento sustentado do concelho de Alandroal.



www.cm-alandroal.pt



RAÇAS AUTÓCTONES

DGAV NA DEFESA DAS RAÇAS AUTÓCTONES



A Direção-Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV) é um serviço central, integrado na administração direta do Estado que, de acordo com a lei vigente, tem por missão a definição, execução e avaliação das políticas de segurança alimentar, de proteção animal e de sanidade animal, proteção vegetal e fitossanidade, sendo, para isso, investida nas funções de autoridade sanitária veterinária e fitossanitária nacional, de autoridade nacional para os medicamentos veterinários e de autoridade responsável pela gestão do sistema de segurança alimentar. Do ponto de vista dos recursos genéticos animais, tem como missão a coordenação da execução das ações de defesa, a gestão, o melhoramento e a conservação do património genético nacional, ou, dito de outra forma, as raças autóctones portuguesas.

Portugal, pela sua particular posição geográfica e apesar da sua reduzida dimensão, apresenta uma variedade de condições climáticas e orográficas que, no decurso do tempo, resultaram numa invejável diversidade de recursos genéticos animais, traduzida no terreno por 50 raças autóctones atualmente já reconhecidas. A saber: 15 raças de bovinos, 16 raças de ovinos, 6 raças de caprinos, 3 raças de suínos, 6 raças de equídeos, 4 raças de galináceos e 11 raças de cães.

As raças autóctones são, e é bom lembrar, o notável resultado evolutivo de uma perfeita adaptação de animais aos meios onde vivem, às condições climatéricas e às pessoas que delas cuidam e que com elas desenvolveram notáveis sistemas de produção, resilientes do ponto de vista climático e assentes essencialmente, numa economia circular. Estas raças desempenham hoje um papel da maior relevância e transversal a uma série de áreas e atividades, contribuindo para o carácter multifuncional da agricultura, para a sustentabilidade e reforço da neutralidade carbónica, para a criação de produtos diferenciados e diferenciadores, e até para combater o fenómeno de despovoamento do interior.

A nível mundial, a Organização das Nações Unidas revelou através da Food and Agriculture Organization (FAO), que existe uma sobreposição óbvia entre os serviços prestados aos ecossistemas, e a prevalência de espécies autóctones e as práticas de manejo a elas associadas. Estas raças contribuem, em grande medida pelos sistemas de produção extensivos que lhes estão maioritariamente associados, para a fertilidade do solo e o sequestro de carbono, entre outras ações da maior relevância. É também curioso observar que 16 % dos locais classificados pela Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (UNESCO) como Património Mundial estão diretamente ligados ao pastoralismo.

Ao percorrermos Portugal continental e os arquipélagos dos Açores e da Madeira, verificamos facilmente a riqueza da biodiversidade portuguesa e quão diferentes podem

ser raças da mesma espécie, moldadas por longos anos de evolução e adaptação aos ambientes em que vivem.

A DGAV, ciente do papel fundamental das raças portuguesas, tem vindo a desenvolver e a reforçar vários projetos, no sentido de tornar visível e quantificável o valor social, económico, cultural e ambiental da sua contribuição para estes inúmeros serviços prestados aos ecossistemas. Recentemente apresentámos diversas e inovadoras linhas de ação no âmbito do programa de inovação para a agricultura, Agenda Terra Futura. A título de exemplo salienta-se a aposta em campanhas de promoção/comunicação das raças, acompanhadas de ações educativas. Nestas últimas em particular, pretende-se, através da educação, transmitir aos jovens de hoje e decisores de amanhã, a importância da autoctonia animal na preservação do ambiente, da natureza e até da saúde através de uma alimentação mais equilibrada.

Também com este propósito, e tendo já por parceiros instituições de ensino superior, e laboratórios colaborativos, a DGAV tem desenvolvido e projetado diversas ações e atividades destinadas a diferentes públicos-alvo, como sendo eventos de aceleração de ideias e formação técnica para capacitação de recursos humanos ligados às raças. A DGAV tem também procurado divulgar e promover as raças mediante ações com escolas de hotelaria, retalhistas, grandes superfícies, feiras agrícolas e alimentares, ou, em situações mais particulares, ações específicas mais dirigidas, nomeadamente eventos que ocorreram no âmbito da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia.

São estas raças que pastam e produzem em terrenos pobres e marginais, raças que trabalham, raças que guardam e protegem, raças que permitem passeios e também raças que, simplesmente fazem companhia. São também as nossas raças autóctones que nos diferenciam e é apoiando a sua intervenção integrada e holística que conseguiremos potenciar e valorizar a nossa identidade nacional. Estamos certos de que apoios diferenciadores às raças contribuirão necessariamente, para um reforço estrutural importantíssimo para Portugal na consolidação dos sistemas nacionais de produção agropecuária, no turismo e na cultura, valorizando as raças e toda a sua envolvimento enquanto património tangível e único de Portugal.

Consideramos, pois, que um adequado plano de produção, utilização e comunicação/divulgação das nossas raças autóctones, trará a Portugal significativos dividendos económicos, ambientais, sociais, culturais e de saúde pública e sobretudo um importante contributo para a preservação do património genético nacional.

Susana Guedes Pombo, Diretora Geral da DGAV



CENTRO INTERPRETATIVO DO PORCO E DO FUMEIRO EM VINHAIS



Vinhais, vila situada no nordeste de Portugal, é hoje conhecida pelas suas magníficas paisagens e pela sua gastronomia, onde sobressaem os produtos originários do porco bísaro - os enchidos e os presuntos. Sendo há muito reconhecida como a Capital do Fumeiro, é lá que todos os anos, no segundo fim-de-semana de fevereiro, se realiza o certame mais importante de Portugal em homenagem a esta tradição. Trata-se da Feira do Fumeiro de Vinhais.

O Porco Bísaro é um testemunho vivo da ancestralidade da criação de porcos nesta região. É originário dos porcos criados pelos celtas desde o século VI a.C. e apresenta características morfológicas inconfundíveis. Mas, se a sua corpulência e perna alta insistem em fazer lembrar o seu primitivo antepassado, o javali, o seu temperamento dócil trai essa pretensão. Tal como as suas grandes orelhas e o caminhar desajeitado, que lhe acrescentam um charme e encantamento únicos.

Era considerado a melhor despensa em qualquer casa de lavoura. Daí resultam anos de acumulação de conhecimento e refinamento de receitas, assim como modos de transformação e conservação da carne.

Para perpetuar este legado, a autarquia Vinhaense, em 2016, inaugurou o Centro Interpretativo do Porco e do Fumeiro. Este equipamento, único no país, é gerido pela Associação Nacional de Criadores de Suínos de Raça Bísara, onde também funciona a sua Sede institucional.

Visa atrair públicos de todas as idades e formações e pretende posicionar-se no domínio da defesa e divulgação do património, no qual o porco é elemento de referência, de modo a figurar nos guias e mapas do turismo cultural, ser centro de estudo e lazer e potenciar o investimento e a promoção económica e turística da região.

Após exaustiva investigação e inventariação dos assuntos mais relevantes para compreender a importância do porco e do fumeiro, ao longo dos tempos e na atualidade, foram criadas e instaladas várias ferramentas, atrativas e funcionais, que permitem uma abordagem simples, moderna, fácil e interativa.

A configuração dos diversos elementos onde o porco vai estar presente, em múltiplas dimensões, a possibilidade de serem realizados atos culturais e científicos, a educação do gosto – boas práticas alimentares e dietéticas em múltiplas representações – concedem a este centro interpretativo uma grande relevância cultural e educacional.

Nesta viagem, além de “mergulhar” num mundo de tradições, bem enraizadas nas nossas gentes, pode também usufruir de provas de enchidos e presuntos de Vinhais, ficando com os seus magníficos sabores e aromas, no palato e também na memória.

Venha visitar-nos!

Pedro Fernandes
Coordenador Técnico da ANCSUB
Secretário Técnico do L.G. da Raça Bísara





UM ROTEIRO PELAS RAÇAS AUTÓCTONES DE MIRANDA DO DOURO

Em Miranda do Douro, para além do vasto património cultural, artesanal, arqueológico e arquitetónico, há uma forte predominância de raças autóctones. Falamos das Raças Bovina Mirandesa, Churra Galega Mirandesa e Asinina Mirandesa que, apesar de todos os esforços do município e das associações, continuam em risco de extinção. Todo o trabalho desenvolvido por estas associações tem, por isso, um valor inestimável para o património genético português.

À medida que se percorre a estrada, já dentro do concelho mirandês, avistam-se, entre o verde e o castanho das pastagens, alguns exemplares de animais. Para o vice-presidente da Câmara Municipal de Miranda do Douro, Nuno Rodrigues, as raças autóctones são um meio de sobrevivência dos produtores da região. No entanto, o crescimento destas espécies é mais lento devido à sua genética, o que “garante uma carne de qualidade superior”, afiança o edil. Acrescentando que esta “é uma despesa acrescida, uma vez que os animais demoram mais tempo a atingir o peso ideal para serem colocados no mercado”. Logo, os preços praticados também devem ser diferenciados, “de forma a corresponder à elevada qualidade do produto”, diz Nuno Rodrigues.

O autarca reconhece o esforço dos produtores e das associações que os representam, lamentando a falta de apoios por parte da Administração Central, que desta forma acaba por limitar a “boa vontade da Câmara Municipal”, e “se não houver mais apoios do governo, as associações vão ter de cessar atividade, pois os lucros não correspondem às necessidades dos produtores, que assim acabam também por desistir”, conclui.

CARREIRONES PULAS RAÇAS PRÓPIAS DE MIRANDA

An Miranda, además de muito património cultural, artesanal, arquiológico i arquitetónico, hai ua fuerte perdominância de raças prórias. Falamos de las Raças: Baca Mirandesa; Churra Galhega Mirandesa; Burro Mirandés que, mesmo apuis de todo l que ten sido feito, síguen amanaciadas de stinçon. Todo l trabalho feito por estas associaçones ten, por bias disso, un balor einestimable pal patrimoño genético pertués.

Acada metro de strada, yá andrento l Praino, abistanse, por antre l berde i l castanho de ls pástios, dalguns destes animalicos. Pal Bice-Maioral de la Cámara de Miranda, Nuno Rodrigues, las raças prórias son ua maneira de suobrebibéncia de ls lhabradores de la region. An todo l caso, l crecimiento destas raças ye más demorado por bias de la sue genética, l que “afiança ua chicha de culidade superior”, diç l Bice Maioral. l acrecenta que este “ye un gasto a somar porque ls animales lhieban más tiempo a ganhar l peso cierto para que seian puostos a benda”. Desta maneira, ls précios tamien dében de ser outros, “de maneira a star quadrados cula maior culidade de l produto”, diç Nuno Rodrigues.

L outarca, reconhece l sfuorço de ls lhabradores i de las associaçones que los repersentan, lastimando la falta de ajudas de la Admenistraçon Central, que desta maneira acaba por apoucar la “buona gana de la Cámara”, i “se nun houbir más ajudas de l goberno, las associaçones ban a tener que parar la atebidade, porque las ganâncias nun correspónden a las necidades de ls lhabradores, que acában tamien por zistir”, rematou.



OS DÓCEIS BURROS DE MIRANDA

Os animais da raça asinina de Miranda, vulgarmente conhecida por Burro de Miranda, são detentores de uma pelagem castanha escura; branca no focinho e contorno dos olhos; orelhas grandes e felpudas, e de uma cabeça volumosa. É um animal bem conformado, corpulento e rústico, com altura, medida ao garrote, nos animais adultos, maior que 1,25 m e inferior a 1,50 m. Nos dias que correm, a raça continua ameaçada de extinção e, de acordo com Joana Braga, a Associação para o Estudo e Proteção do Gado Asinino, estima que exista um efetivo máximo de 700 fêmeas reprodutoras e cerca de 50 machos reprodutores, distribuídos por todo o território nacional. Composta por 12 colaboradores e quatro voluntários, a Associação tem-se dedicado à realização de estudos técnico-científicos que visem a preservação e proteção desta raça, nomeadamente o estudo da consanguinidade, reconhecimento e recuperação de antigas características reprodutivas e de manejo da raça a médio-longo prazo; a selecionar, do ponto de vista genético e morfológico, os animais que possam vir a obter melhores descendentes, avaliar os reprodutores através das provas

morfofuncionais. Além disso, põe em prática um trabalho de sensibilização para formar os criadores para obtenção de melhores exemplares da raça, saudáveis e com bem-estar". A Associação gere ainda dois Centros que se encontram abertos ao público durante todo o ano: o Centro de Valorização do Burro de Miranda (Atenor, Miranda do Douro) e o Centro de Atividades Lúdico-Pedagógicas, integrado no Parque Ibérico de Natureza e Aventura de Vimioso (São Joanico, Vimioso). Colabora também com o Centro de Acolhimento do Burro (Pena Branca, Miranda do Douro), através da prestação de cuidados de saúde e bem-estar, a asininos e muares idosos, doentes, sujeitos a maus-tratos ou em situação de abandono. Este Centro serve também como um novo lar a animais cujos donos - por motivo de doença ou idade avançada - fiquem impossibilitados de os cuidar adequadamente. Para Joana Braga, os eventos onde o Burro de Miranda marca presença, como ainda recentemente na Festa do Outono em Serralves, são muito importantes para a Associação. "É uma forma de levar a nossa missão para além da região do Planalto Mirandês.

www.aepga.pt

OS "CARETOS" DE MIRANDA DO DOURO



OS ROBUSTOS BOVINOS DA RAÇA MIRANDESA

Com uma pelagem bicolor, mais escura nas extremidades e uma linha loira ao longo do dorso, eis os bovinos mirandeses, que foram, até aos anos 70, a população da raça mais importante que houve no país.

Embora continue a ser uma raça em risco de extinção, segundo Válder Raposo, da Associação dos Criadores de Bovinos da Raça Mirandesa (ACBRM), têm conseguido manter o efetivo, rondando as cinco mil fêmeas adultas. Neste momento, o maior desafio não passa só pelo que a raça dá ao criador. Tendo em conta a desertificação deste território, o facto de ser uma atividade que existe 365 dias por ano e, nesta zona, predominarem os minifúndios é “muito difícil” aparecer alguém e fixar-se, principalmente, na pecuária.

Enquanto Associação, em termos de iniciativas, “tenta-

mos dar todo o apoio e logística que os nossos criadores necessitam para a manutenção da atividade e, posteriormente, para a promoção da raça. Em parceria com a cooperativa agropecuária mirandesa, estamos presentes em feiras e exposições e organizamos concursos pecuários.”

Para além de Miranda do Douro, onde começaram a ser produzidos estes bovinos, o solar da raça expandiu-se e, hoje em dia, já inclui os concelhos de Vimioso, Mogadouro, Macedo de Cavaleiros, Vinhais e Bragança.

Quanto à atribuição da Denominação de Origem Protegida (DOP), em 1994, para Válder Raposo, o que vende a carne é a qualidade e todo o empenho que os criadores têm, “porque se não fosse a qualidade, o carimbo pouco servia”, justifica.

www.mirandesa.pt



Caracterizados por uma diferenciação morfológica, os ovinos da Raça Churra Galega Mirandesa são detentores de uma lâ comprida e de um “careto”, designação dada aos olhos circundados de preto e às pontas do focinho e das orelhas, também da mesma cor.

Atualmente, a Raça Churra Galega Mirandesa está numa fase “muito crítica”, refere Andrea Cortinhas, da Associação Nacional de Criadores de Ovinos da Raça Churra Galega Mirandesa (ACOM). As perspetivas são “bastante dramáticas” pois não existem jovens que queiram dar continuidade ao projeto.

De forma a valorizar o produto e o produtor, a Associação, juntamente com a Cooperativa dos Ovinos Mirandeses, está a trabalhar, afincadamente, na promoção

e comercialização do produto qualificado como DOP. “Tentamos sempre pagar acima do valor de mercado, para diferenciar e tentar ajudar o produtor a valorizar o produto.” Outra das preocupações da Associação é a lâ que acaba descartada, ou que vai sendo armazenada, por não haver comercialização do produto.

Relativamente à limpeza da vegetação dos terrenos levada a cabo pelos ovinos em Miranda do Douro, Andrea Cortinhas explica que a atividade foi realizada com o intuito de promover a raça, ao mesmo tempo que a usaram para controlar o crescimento das ervas, de forma sustentável. “A nossa raça é património, património cultural, património animal, património genético, temos de saber aproveitar estas qualidades.”

www.ovinosmirandeses.pt

FIEL E COMPANHEIRO, MAS DONO DE SI

A viver na Serra da Estrela desde 1975, Suzette da Mota Veiga vive hoje um sonho de criança. Apaixonada por cães a vida toda, possui um canil dedicado ao cuidado e criação da raça Serra da Estrela.

O Canil da Quinta de S. Fernando dispõe de uma maternidade dentro de casa e bastante espaço à sua volta. Além disso, tem ainda outro espaço de mais de dois mil metros quadrados, vedado e parcialmente coberto, com abrigos confortáveis, árvores e vegetação.

Apesar de sempre ter tido diversos cães ao longo da vida, Suzette da Mota Veiga não resistiu aos encantos dos cães dos pastores da Serra da Estrela, começando a fazer criação desta raça em 1987. Conhecidos pela sua boa reputação como cães de guarda, o cão Serra da Estrela tem também todas as características de um ótimo cão de família. “É um cão muito inteligente, fiel e gosta muito de crianças. Sabe guardar e observar sem ser agressivo e tem, também, um caráter muito independente e paciente. No entanto, precisa de um dono que saiba compreender as suas reações e de muito espaço onde possa andar.”

A alegria em tratar dos seus cães todos os dias é notória, mas engana-se quem possa pensar que a rotina de um cuidador é simples. “Normalmente passo uma parte do dia na limpeza do canil, nos cuidados e no convívio com os meus cães. À tarde faço um passeio na Serra com um ou dois cães e no fim do dia volto a fazer limpeza e a cuidar dos cachorros”, revela Suzette.

Segundo a criadora, antes de alguém se aventurar na criação de uma raça como o cão Serra da Estrela é essencial conhecer bem a espécie e as suas necessidades. Além



disso, é também importante avaliar se todas as condições estão asseguradas, nomeadamente ter uma infraestrutura com a possibilidade de aquecimento durante a época fria e um espaço amplo, onde os cães possam correr, brincar e ter contacto com a natureza.

Para a proprietária, a publicidade e a divulgação da raça é de grande importância para um criador de cães. Além de participar frequentemente em exposições caninas onde tem a oportunidade de conhecer e conviver com outros criadores, Suzette da Mota Veiga publicou um livro intitulado “Novo Guia Prático do Cão da Serra da Estrela”.

“No seu conjunto é uma ocupação exigente em tempo, espaço e dedicação. O cão deve ser visto como melhor amigo do homem e deve sempre pensar no que disse o escritor alemão, Erich Kaestner: ‘O cão é fiel quando há tempestade, o homem nem sequer quando há vento!’”, conclui.

O Canil da Quinta de S. Fernando encontra-se aberto a visitas para todos os que desejem conhecer os animais.



Quinta de S. Fernando, Apartado 16, Manteigas, Portugal • suzette.veiga@sapo.pt



A RAINHA DAS NOSSAS SERRAS

A ANCRAS – Associação Nacional dos Caprinicultores da Raça Serrana, com sede em Mirandela, nasceu com o objetivo de apoiar os criadores desta raça, sendo responsável pela execução do programa de melhoramento genético.

A cabra Serrana teve a sua origem na Serra da Estrela, evoluindo em quatro ecótipos: o Transmontano, o Jarmelista, o Ribatejano e o da Serra. Hoje em dia o ecótipo da Serra encontra-se em grave risco de extinção. Devido à elevada dispersão geográfica dos criadores, foi necessário criar protocolos de delegação de competências com outras associações.

O sistema de exploração mais comum é o extensivo tradicional, recorrendo sobretudo ao pastoreio de percurso, quase sem necessidade de suplementação adicional. A cabra Serrana é explorada na dupla aptidão leite/carne, com predomínio da primeira. É a única raça caprina autóctone de pelos compridos. A pelagem pode ser preta (Serra e Ribatejana), castanha escura (Ribatejana), castanha (Jarmelista) ou ruça (Transmontana). As cabras do Jarmelo apresentam duas listas na face de cor castanha mais clara; nas Ribatejanas pode aparecer ou não.

No Livro Genealógico estão registados nos quatro ecótipos, cerca de 15 mil animais em 194 explorações a nível nacional. De forma a contrariar a diminuição progressiva do efetivo e a valorizar os produtos de excelência da cabra Serrana, foram criadas duas cooperativas, a LEICRAS (Queijo de Cabra Transmontano DOP) e a CAPRISSERRA (Cabrito Transmontano DOP).

A LEICRAS recolhe o leite aos cooperantes e fabrica com leite cru o famoso e único Queijo de Cabra Transmontano DOP. A CAPRISSERRA, para além de recolher os cabritos com certificação DOP, presta serviço veterinário e vende rações e todos os equipamentos necessários para agricultura e pecuária.

A CABRA PRETA DE MONTESINHO

Em 2009, com o reconhecimento da Cabra Preta de Montesinho como uma raça autóctone, a ANCRAS deu início ao Registo Zootécnico da Raça como entidade gestora. É um animal de estatura mediana, pelagem preta e pelos curtos, muitas vezes brilhante. O esforço da ANCRAS vai ao encontro da preservação da raça, uma vez que estão inscritos apenas 1700 animais. Conhecida como a “vaca leiteira dos pobres”, é explorada em dupla aptidão carne/leite. Ainda hoje, subsistem pequenos núcleos, integradas em rebanhos de ovinos, essencialmente pela sua capacidade leiteira.

Esta divulgação é importante no sentido de sensibilizar os nossos governantes a proteger as raças autóctones e dar continuidade ao Património Genético Português.



AS MÃOS QUE NOS ALIMENTAM

O setor agropecuário integra a agricultura e a pecuária. Atividades primárias absolutamente essenciais para a nossa sobrevivência. Atualmente, preocupações com a sustentabilidade das explorações e com o bem-estar animal passaram a estar também presentes nestas atividades.

Foi no período neolítico, uma das fases temporais da Pré-História, que se encontraram os primeiros indícios da existência da atividade agropecuária, no Médio Oriente, devido ao solo fértil, à variedade de espécies – tanto animal como vegetal – e à abundância de água por via dos rios.

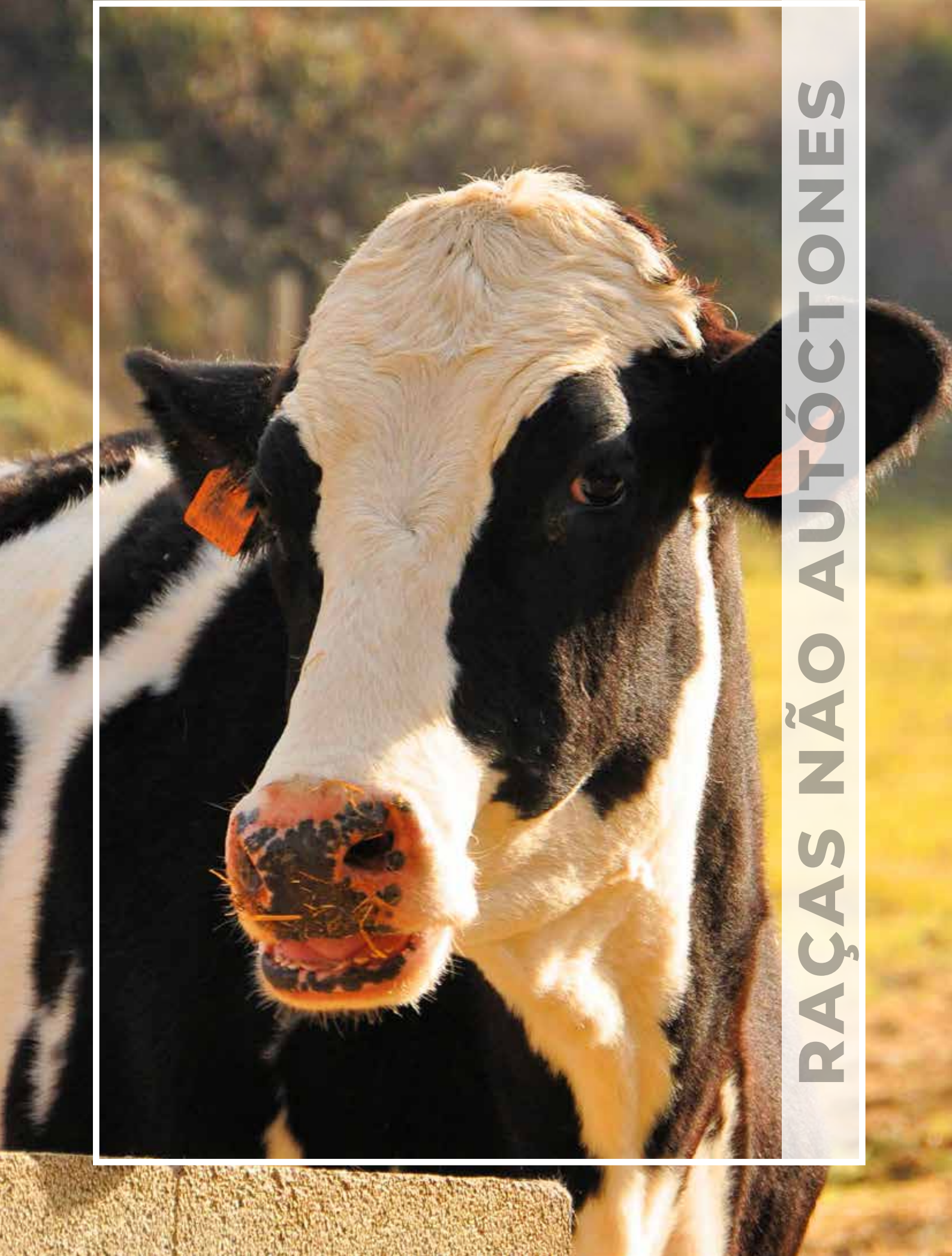
Atualmente, a agropecuária é uma atividade exercida por pequenos e grandes produtores que abastecem os mercados de consumo, exercendo a função de extração de recursos naturais e criação de gado para a sobrevivência ou fins lucrativos. Esta prática é desenvolvida no espaço rural e é considerada uma atividade primária, pois todas as matérias-primas resultantes deste processo são a base para a manufatura de outros produtos.

Esta atividade primária é fundamental para o funcionamento da sociedade, pois sem ela, e sem os seus trabalhadores, não existiria abastecimento alimentar nos mercados de consumo, o que é imprescindível para a sobrevivência da população. Estamos perante uma produção contínua que não pode parar, um compromisso que os trabalhadores agropecuários de produção animal, vegetal e agroindustrial têm para com a sociedade.

Os principais produtos agrícolas desenvolvidos em Portugal são os cereais, como o trigo, a cevada, o milho e o arroz, as uvas, para a produção de vinho, as batatas, as azeitonas e os tomates. Em relação à criação de animais, Portugal produz, principalmente, bovinos, suínos, ovinos e caprinos.

A agropecuária é, historicamente, uma das atividades base da economia portuguesa, desde há muitos anos. Com o avançar do tempo, o bem-estar, a saúde animal e a utilização de uma prática sustentável, tornaram-se prioridades para os produtores do setor agropecuário. Esta prática, além de respeitar o animal, é mais rentável, a nível monetário, isto porque são efetuadas mudanças, baseadas em dados tecnologicamente apurados, de forma a melhorar o potencial que o animal consegue fornecer. Ou seja, ao perceber o comportamento animal e ao ajustar novas medidas para melhorar o seu bem-estar, é possível aumentar a longevidade, produtividade e a qualidade do mesmo.

Não passar fome nem sede, estar livre de desconforto, medo e stress, não sentir dor nem injúria, não ter medo e poder expressar os comportamentos naturais da espécie, são os cinco fatores base e essenciais para o animal estar saudável e confortável.



RAÇAS NÃO AUTÓCTONES



EFETIVO LIMOUSINE EM PORTUGAL

A raça Limousine chegou a Portugal em meados do século XX e em 1989 foi criada a Associação Portuguesa de Criadores de Bovinos de Raça Limousine, ACL. Esta assume como objetivo primordial a gestão do Livro Genealógico da Raça, orientando a sua evolução para servir da melhor forma os diversos intervenientes na fileira produtiva da mesma.

Atualmente, o efetivo reprodutor Limousine está alicerçado num património genético nacional robusto, estabilizado e de qualidade, produzindo anualmente machos e fêmeas melhoradores, contribuindo fundamental para a evolução gradual do património genético nacional.

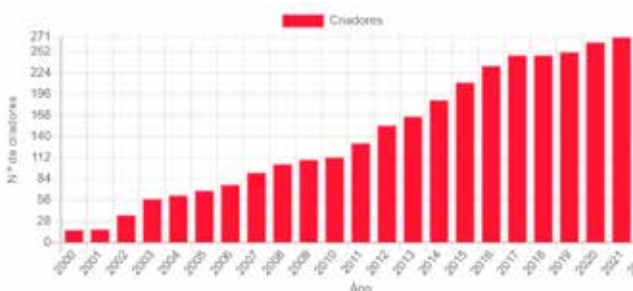


Gráfico 1 - Evolução do número de criadores ativos aderentes ao Livro Genealógico dos Bovinos de Raça Limousine desde 2000 a 2021. Fonte: Genpro-Ruralbit.

A raça Limousine caracteriza-se por um conjunto de qualidades maternas e produtivas muito importantes para quem é produtor de carne. Dentro das qualidades maternas destaca-se a facilidade de partos e a produção leiteira. Nas qualidades produtivas, a raça Limousine é caracterizada pelo rápido crescimento, pela sua rusticidade e rendimento de carcaça. Isto traduz-se numa raça com grande eficiência e, sem dúvida, numa raça melhoradora. É uma raça já há muito selecionada tendo em conta também o temperamento dos animais, o que permite ser melhoradora também na docilidade, promovendo a facilidade no manejo.

Atualmente existem 291 criadores aderentes ao Livro Genealógico dos Bovinos de Raça Limousine. Nos últimos anos, este número teve uma tendência crescente, fruto do trabalho dos criadores, da Associação de Criadores Limousine e do ótimo desempenho que esta raça tem em Portugal. O efetivo Limousine em Portugal tem vindo a crescer ao

longo de todo o território nacional e ilhas, e é a raça não autóctone com que os produtores de carne mais trabalham.

O produtor de carne procura, cada vez mais, introduzir genética melhoradora na sua exploração e no seu produto final de forma a ser distinguido por isso. Nos últimos anos o efetivo de animais de aptidão carne registado como raça pura aumentou 60%. A raça Limousine é a raça que mais se destaca nesse aumento, como se observa no gráfico 2, sendo quase três vezes superior à raça pura que lhe precede, e uma das duas únicas raças que evidenciam crescimento no número de bovinos nos últimos anos.

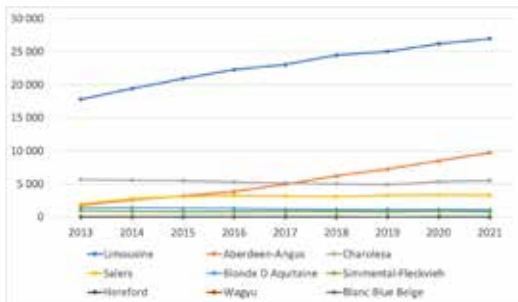


Gráfico 2- Evolução do número de bovinos na base de dados do SNIRA de raças não autóctone de aptidão carne entre 2013 e 2021. Fonte: IFAP – Instituto de Financiamento da Agricultura e Pescas.

Em 2013 existiam 17 800 animais de raça Limousine na base de dados do SNIRA e no final de 2021 existiam 26 948 animais, o que representa um crescimento de 51,4% nestes oito anos.

Ao analisar a evolução do efetivo reprodutor, que se define como o número de fêmeas existentes com mais de dois anos na exploração, e tendo em conta os efetivos reprodutores existentes em Portugal, de todas as raças puras autóctones e não autóctones, o efetivo reprodutor Limousine ocupa o terceiro lugar de maior efetivo de bovinos de raça pura em Portugal. Existem atualmente cerca de 14 mil fêmeas adultas puras Limousine e este número teve sempre uma tendência crescente nos últimos anos.

A raça Limousine é também a raça mais procurada pelo produtor de carne aquando da compra de um macho reprodutor para a sua exploração. Aliás, a comercialização de reprodutores da raça Limousine é essencial para a viabilidade económica dos bovinicultores que contribuem para o melhoramento genético da raça em Portugal.

Dentro das raças puras de aptidão carne, os machos com mais de dois anos de raça pura com maior representação são os da raça Limousine, representando 42,55%, como se observa no gráfico 3.



Gráfico 3 - Distribuição percentual do número de machos com mais de 24 meses por raças puras de aptidão carne em Portugal no ano de 2021. Fonte: IFAP – Instituto de Financiamento da Agricultura e Pescas.

A procura por reprodutores Limousine deve-se não só às excelentes características da raça já mencionadas, como também à qualidade do produto final. A raça Limousine distingue-se pelo elevado rendimento de carcaça, acima de 65%, devido ao osso fino e à elevada proporção de carne de qualidade na carcaça.

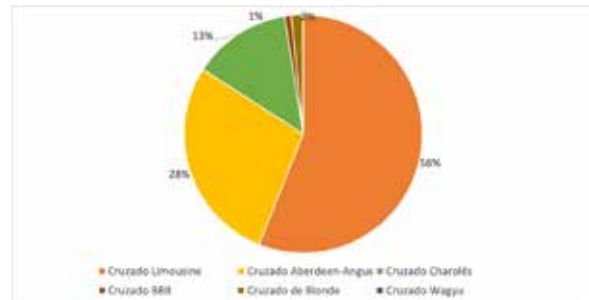


Gráfico 4 - Distribuição percentual do número de animais registados como cruzados de raças puras de aptidão carne no ano de 2021. Fonte: IFAP – Instituto de Financiamento da Agricultura e Pescas.

No que diz respeito à utilização da raça Limousine para cruzamento simples ou terminal, é a raça mais procurada. De todos os animais cruzados de raças puras de aptidão carne, os cruzados de Limousine representam 56%, ou seja, mais de metade dos animais registados como cruzados.

Este cruzamento tem cada vez mais valor para o produtor que procura validar os seus animais como cruzados Limousine, não só devido às características da carne e do rendimento de carcaça como também à valorização do seu produto no mercado.

A ACL tem duas marcas registadas de carne Limousine presentes no mercado, que podem ser utilizadas por qualquer criador, talho, restaurante ou distribuidor, garantindo a qualidade da carne Limousine.





AS VACAS QUE PRODUZEM O NOSSO LEITE



A raça Holstein Frísia, também denominada simplesmente Frísia ou Holstein, é responsável por 98% a 99% da produção de leite em Portugal.

Originária da Frísia, norte da Holanda e do Estado de Schleswig-Holstein, no norte da Alemanha, a raça Frísia instalou-se em Portugal, por volta dos séculos XVII e XVIII, em explorações do Ribatejo sendo na altura citada como raça turina. Com o passar do tempo, expandiu-se para todo o país, tendo encontrado na foz do Rio Vouga o seu berço. Com um padrão de cores preta e branca, facilmente reconhecido, é uma raça de aptidão leiteira, perceptível pelo desenvolvido sistema mamário que apresenta. É uma raça exóti-

ca, de expansão global, ou seja, é possível encontrar exemplares destes animais em várias regiões do planeta.

Embora originária de climas temperados ou mesmo frios, esta raça de bovinos leiteiros acabou nos dias de hoje por se adaptar a todo o território nacional. Mesmo no Sul, onde as condições climáticas são mais adversas devido ao calor, existe atualmente um número significativo de animais e de explorações.



A ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CRIADORES DE RAÇA FRÍSIA (APCRF)

Fundada em 1973, por um grupo de criadores de bovinos de Raça Holstein, a APCRF é a responsável pela gestão do livro genealógico destes animais. Em jeito de analogia, o livro genealógico funciona, em termos de registo animal, da mesma forma que o registo civil funciona para as pessoas. À nascença os animais são todos identificados com um número que mantêm até à data do abate. Ligado a este número vai sendo acumulada ao longo da vida do animal toda a informação disponível, desde as quantidades produzidas de leite, gordura e proteína, até algumas características funcionais, que sendo avaliadas geneticamente permitem aos criadores obter melhores animais.

Por esse motivo, a recolha dos dados nas explorações deve ser precisa e o mais fidedigna possível, para que o melhoramento da raça seja feito com sucesso. O incentivo ao melhoramento da raça, além dos concursos pecuários que a associação de criadores anualmente promove, é feito também com a realização de cursos para os criadores, ao nível da morfologia e do maneio dos animais.

Além da associação nacional – a APCRF – existem ainda duas associações regionais ligadas à raça. A Associação de Apoio à Bovinicultura Leiteira, do Norte, com sede em Vila do Conde, e a Estação de Apoio à Bovinicultura Leiteira que, embora tendo sede em Aveiro, desenvolve as ações de melhoramento no centro e sul do país. Entre as ações desenvolvidas por

estas estruturas encontra-se a identificação animal e o contraste leiteiro. Este último consiste na recolha mensal dos dados produtivos das vacas em lactação.

As ações de melhoramento executadas pela APCRF em Portugal, são também realizadas noutros países através de associações semelhantes, estando estas unidas em confederações. É o que acontece com a Confederação Europeia e a Confederação Mundial da raça Holstein Frísia.

O facto desta raça ser em todo mundo a dominante em termos de produção de leite, leva a que os criadores nacionais acabem por ter acesso aos melhores produtos genéticos globais, seja sob a forma da aquisição de sêmen dos melhores reprodutores, seja pela aquisição de embriões das melhores vacas do mundo.

O valor económico da raça bovina Frísia está intimamente relacionado com o setor leiteiro nacional. Para termos uma ideia do peso da raça Frísia no valor da produção agrícola nacional, a produção de leite em 2020 foi de 721 milhões de euros, o que representa uma variação positiva (+1,6%) em relação a 2019, sendo também consequência da evolução do preço do leite (+1,5). A Produção de Leite preencheu 24% do valor da Produção Animal e 10% do valor da Produção Agrícola.

Se ao valor do leite produzido acrescentarmos o valor da carne e de toda a economia que circula em torno deste setor como o das empresas de rações e de todo o tipo de serviço relacionados com a produção de leite, facilmente compreendemos o peso enorme que as vacas da raça Holstein Frísia têm para a economia do país.

O PAPEL DO SETOR AGRÍCOLA NO AMBIENTE



O setor agropecuário integra a agricultura e a pecuária. Atividades primárias absolutamente essenciais para a nossa sobrevivência. Atualmente, preocupações com a sustentabilidade das explorações e com o bem-estar animal passaram a estar também presentes nestas atividades.

Os recursos naturais são fundamentais para o desenvolvimento da atividade agrícola e, com o passar dos anos, tornou-se urgente equilibrar a produção de alimentos do setor com a necessidade de preservar o meio ambiente.

Atualmente, um dos grandes objetivos do setor é conciliar a proteção ambiental com a valorização dos subprodutos*, conseguindo minimizar o impacto negativo da agricultura no meio ambiente. Desta forma, é possível reduzir o impacto ambiental, de forma a preservar os recursos naturais da Terra, promovendo a sua proteção e preservação, através de uma Agricultura Sustentável.

A atual conjuntura agroeconómica, aliada aos princípios da Economia Circular e do Pacto Ecológico Europeu, numa perspetiva de promoção da Agricultura Sustentável, de forma a salvaguardar os valores ambientais e de combater as alterações climáticas pretende, entre várias medidas presentes no Portal do Ministério da Agricultura:

- “Reforçar a proteção do recurso água;
- Aplicar o Código de Boas Práticas Agrícolas para a proteção da água contra a poluição com nitratos e fosfatos de origem agrícola, bem como do Programa de Ação a aplicar nas zonas vulneráveis, contribuindo para a proteção dos recursos água, ar e solo;
- Reutilizar as águas residuais na agricultura;
- Gerir, de forma sustentável, a água através da participação em Comissões Técnicas Sectoriais.”

A proteção ambiental é, além de uma preocupação, um dos pilares para a Agricultura Sustentável continuar a sua transição no caminho da sustentabilidade. Isto, no sentido de se desenvolver a agricultura enquanto atividade económica responsável pela produção alimentar, proteção ambiental, coesão territorial, criação de emprego, bem-estar e saúde dos cidadãos.

*O QUE SÃO SUBPRODUTOS NO SETOR AGRÍCOLA?

Subprodutos são produtos acidentais ou secundários do produto principal em si, ou seja, são obtidos a partir de um ou mais tratamentos, transformações ou fases de processamento de subprodutos animais e alimentares.

Os subprodutos podem ser:

- Alimentos de origem animal impróprios para consumo humano;
- Alimentos de origem animal próprios para consumo humano, mas que se destinem a fins diferentes do consumo humano, como por exemplo o fabrico de alimentos para animais de companhia;
- Cadáveres ou partes de animais como a lã, pelos, penas, cerdas, chifres, cascos;
- Chorume (excremento ou urina de animais de criação exceto peixes de criação);
- Troféus de caça.

Técnico
Gestão
Equina

Técnico
Produção
Agropecuária

Técnico
Restauração

Técnico
Manutenção
Industrial

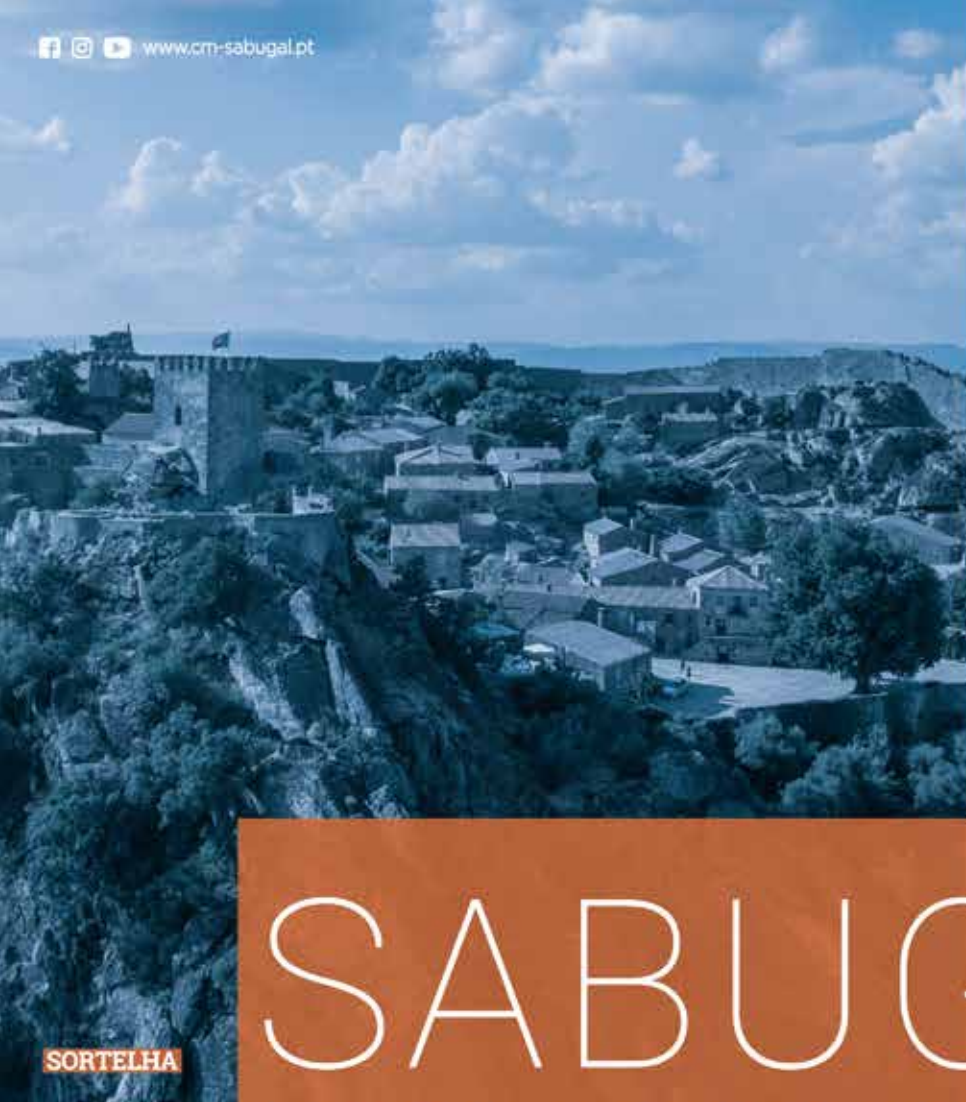
Cursos Profissionais
Cursos CEF
Centro QUALIFICA

Inscrições
Abertas

Transporte gratuito
Residência Escolar
Altas taxas de
empregabilidade

EPADRV - Rua Florestal, nº 1 - 3840-254 Gafanha da Boa Hora
www.epadrv.edu.pt | geral@epadrv.edu.pt | 234 799 830

Cofinanciado por:



SORTELHA



VILAR MAIOR

SABUGAL

5 VILAS MEDIEVAIS



ALFAIATES



VISITE-AS!

VILA DO TOURO



SABUGAL